

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

A importância da indústria para o desenvolvimento no Brasil [The Importance of Industry for Development in Brazil]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Wolfart, Graziela
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-06-29 05:25:00
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/159407

A importância da indústria para o desenvolvimento no Brasil

“Nem FHC, nem Lula, tampouco Rousseff até agora esclareceram qual o Brasil que têm ou tinham em mente para além de alguns slogans não muito informativos”, aponta Fernando Cardim

POR GRAZIELA WOLFART

A política econômica do governo atual, na visão do professor da UFRJ, Fernando Cardim, é desenvolvimentista, pelo menos “em espírito”. Porém, ele reitera que “a política econômica aplicada ainda é principalmente reativa, defensiva, mais voltada para apagar incêndios”. Segundo ele, “a política desenvolvimentista deveria perseguir a transformação estrutural da economia brasileira, mas é preciso determinar que estrutura se quer atingir, quais são suas grandes linhas”.

Na entrevista que concedeu por e-mail à **IHU On-Line**, Fernando Cardim destaca que “o essencial da Cepal, de que economias subde-

envolvidas devem ser entendidas a partir do comportamento da demanda agregada, como ensinou Keynes, e de especificidades da estrutura da oferta, permanece o ponto de partida para qualquer corrente desenvolvimentista”.

Fernando Cardim de Carvalho é mestre em Ciência Econômica pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp e doutor em Economia pela Rutgers, State University of New Jersey. É consultor do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas – Ibase e professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - O senhor considera que a política econômica do governo atual é desenvolvimentista?

Fernando Cardim – Em espírito, eu diria que sim. Mas a política econômica aplicada ainda é principalmente reativa, defensiva, mais voltada para apagar incêndios. Uma política desenvolvimentista efetiva requer uma definição clara de objetivos, que não se limitem a coisas como “um país justo” ou algo assim. Sem a definição clara de objetivos não se podem definir instrumentos apropriados para alcançar esses objetivos. A política desenvolvimentista deveria perseguir a transformação estrutural da economia brasileira, mas é preciso determinar que estrutura se quer atingir, quais são suas grandes linhas. Dou um exemplo: nós perseguimos desde o final dos anos 1980, com maior ou menor entusiasmo, mas com uma persistência que só foi arranhada recentemente, a liberalização dos movimentos de capitais internacionais, desmantelando controles de capitais. Por outro lado,

quer-se defender o setor industrial brasileiro. Em grande medida, não são objetivos compatíveis. Qual é a prioridade do governo nessa matéria? Por quê? Há pequenos abalos da liberalização de capitais, que são menores do que o escândalo que o sistema financeiro faz sobre eles e defende-se a indústria através de medidas *ad hoc*. Isso não é estratégia. Nem FHC, nem Lula, tampouco Rousseff até agora esclareceram qual o Brasil que têm ou tinham em mente para além de alguns slogans não muito informativos.

IHU On-Line - Qual o papel da taxa de câmbio e da indústria em relação a se pensar um modelo de desenvolvimento para o Brasil?

Fernando Cardim – É quase impossível imaginar desenvolvimento no Brasil sem uma indústria forte, ampla e diversificada. Países pequenos têm apenas a opção da especialização, porque não têm escala para sustentar um setor industrial competitivo. Não é nosso caso. Não são serviços que nos

permitirão nos desenvolver, criar uma força de trabalho preparada, produtiva e flexível, e uma estrutura econômica minimamente autônoma e sólida. Nesse quadro, a taxa de câmbio é fundamental e é por isso que o dilema entre liberalização da conta de capitais e o apoio ao desenvolvimento industrial pode ser adiado indefinidamente. A liberalização tem levado a uma apreciação cambial suicida. É preciso escolher, mas para isso é preciso saber aonde se quer chegar.

IHU On-Line - Qual a atualidade do debate entre desenvolvimentistas e liberais no Brasil do século XXI?

Fernando Cardim – De uma forma ou de outra o debate entre os que defendem uma ação forte do Estado e os que propõem a preeminência das decisões privadas é o tema central da macroeconomia desde que Keynes inventou a disciplina. Esse debate se manifesta de diversas formas, uma delas sendo o que opõe os desenvolvimentistas aos liberais. Esse debate vai

existir sempre até porque a prova do pudim (ou seja, o que importa é o que vem na colher) mostra que modelos de economia planejada centralmente se transformaram em pesadelos burocráticos (além de serem todos totalitários politicamente), marcadas pela ineficiência e pelo desperdício, e os modelos que mais se aproximam do liberalismo extremo são também pesadelos (muitos dos quais, como o Chile de Pinochet ou a Argentina de Martínez de Hoz¹, também regimes ditatoriais) que acabam sempre em desmoronamento causado por suas próprias insuficiências. Como combinar, e em que grau, e em que forma, a ação estatal com a decisão privada, eis a questão. E esse debate não terminará nunca.

IHU On-Line - Quais os principais pontos que marcam a trajetória do pensamento desenvolvimentista no Brasil e na América Latina?

Fernando Cardim- Há um grande ponto de partida indiscutível, que foi a contribuição da Cepal e de seus economistas, como Raul Prebisch e Celso Furtado, para ficar apenas nos que todo mundo conhece. O essencial da Cepal, de que economias subdesenvolvidas devem ser entendidas a partir do comportamento da demanda agregada, como ensinou Keynes², e de especificidades da estrutura da

oferta, permanece o ponto de partida para qualquer corrente desenvolvimentista. É preciso atualizar suas posições para considerar mudanças na economia internacional, nas economias desenvolvidas e nas próprias economias subdesenvolvidas, especialmente com a diferenciação no que se costumava classificar de “periferia” das chamadas economias emergentes, mas Prebisch e Furtado continuam sendo a inspiração central para o desenvolvimentismo.

IHU On-Line - Que elementos realmente contribuíram para a construção e legitimação da ideologia nacional-desenvolvimentista em nosso país?

Fernando Cardim- Essa é uma questão muito complexa para ser tratada aqui e escapa ao meu campo de competência. A legitimação política e ideológica de propostas de ação envolve muitos elementos. É possível ser desenvolvimentista em sistemas politicamente abertos, como no tempo do presidente Kubitschek³, ou em ditaduras militares, como no tempo do general Geisel⁴. Do mesmo modo, é possível ser extremadamente liberal sob ditaduras militares, como no caso de Pinochet e de Martínez de Oz, ou em regimes politicamente abertos, como na Argentina de Menem⁵ e Cavallo. A resposta adequada a essa questão envolve a consideração de muitas dimensões adicionais à econômica, e isso está além da minha capacidade.

IHU On-Line –Em sua opinião, o desenvolvimentismo latino-americano se aproxima mais do keynesianismo e da economia do desenvolvimento anglo-saxônica, ou com o nacionalismo econômico e o anti-imperialismo?

Fernando Cardim- Como em muitas outras áreas, o “desenvolvimentismo” é um conceito *omnibus*, que engloba posições que podem ser muito diversas. O que eu discuti até aqui é uma versão obviamente apoiada em Keynes. Há várias outras, naturalmente, que se apoiam em pressupostos diversos. O que me parece ter sido a corrente mais influente, mais importante e ainda hoje mais frutífera de reflexão sobre o desenvolvimento econômico é, como disse acima, a da Cepal. Prebisch foi um dos introdutores do keynesianismo na América Latina, e muita gente no Brasil teve seu primeiro contato com teses keynesianas através do estudo da *Formação econômica do Brasil*, de Furtado. Depois vieram críticas principalmente, mas não exclusivamente, de marxistas que propuseram outras possibilidades, que chegaram a ser, como a teoria da dependência, influentes em algum momento. Pessoalmente, essas alternativas me interessam menos, mas essa é naturalmente uma avaliação pessoal.

Leia mais...

>>Fernando Cardim de Carvalho já concedeu outras entrevistas à IHU On-Line, disponíveis na página eletrônica do IHU (www.ihu.unisinos.br).

- “*Criou-se uma moeda europeia, mas não um estado europeu*”. Entrevista publicada na edição 330, de 24-05-2010, disponível em <http://migre.me/45AqV>
- *As controvérsias da política econômica brasileira*. Entrevista publicada na edição 338, de 09-08-2010, disponível em <http://migre.me/45Aml>
- *Câmbio continua sendo maior desafio do governo brasileiro*. Entrevista publicada na edição 356, de 04-04-2011, disponível em <http://bit.ly/i2n1pu>
- *Crise global: mais do que apenas especulação financeira*. Entrevista publicada na edição 372, de 05-09-2011, disponível em <http://bit.ly/oU1vsC>

1 José Alfredo Martínez de Hoz (1925): político, economista, advogado e professor universitário argentino. (Nota da IHU On-Line)

2 John Maynard Keynes (1883-1946): economista e financista britânico. Sua Teoria geral do emprego, do juro e do dinheiro (1936) é uma das obras mais importantes da economia. Esse livro transformou a teoria e a política econômicas, e ainda hoje serve de base à política econômica da maioria dos países não-comunistas. De Keynes, publicamos um artigo e uma entrevista na 139ª edição, de 02-05-2005, disponível para download em <http://migre.me/4b8NA> e outra entrevista na 144ª edição, de 06-06-2005, disponível para download em <http://migre.me/4b8NR>. Confira, também, dois artigos na 145ª edição, de 13-06-2005, disponíveis para download em <http://migre.me/4b8Ob> e um artigo nos Cadernos IHU Ideias número 37, de 2005, intitulado As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes, de autoria do Prof. Dr. Fernando Ferrari Filho, disponível para download em <http://migre.me/4b8Pq>. Leia, também, a edição 276 da Revista IHU On-Line, de 06-10-2008, intitulada A crise financeira internacional. O retorno de Keynes, disponível para download em <http://migre.me/4b8OK>. (Nota da IHU On-Line)

3 Juscelino Kubitschek de Oliveira (1902-1976): médico e político brasileiro, conhecido como JK. Foi presidente do Brasil entre 1956 e 1961, sendo o responsável pela construção de Brasília, a nova capital federal. Sobre JK, confira a edição 166, de 28-11-2005, A imaginação no poder. JK, 50 anos depois, disponível para download em <http://migre.me/qkeQ>. (Nota da IHU On-Line)

4 Ernesto Geisel (1908-1996): ditador militar e político brasileiro. Foi adido militar no Uruguai, comandante da XI Região Militar em Brasília, chefe do gabinete militar da presidência da República no governo Castelo Branco, ministro do Superior Tribunal Militar e presidente da Petrobras (1969-1973). Eleito presidente da República por um Colégio Eleitoral (1973), indicado pelos militares, tomou posse em 15 de março de 1974, como penúltimo ditador militar depois do golpe de 1964. (Nota da IHU On-Line)

5 Carlos Sauúl Menem (1930): político argentino. Governou o país entre 1989 e 1999, pelo Partido Justicialista (peronista). (Nota da IHU On-Line)